

Pobreza, Juventude e Família

Em busca de concretizar o Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE 2016-2020), pobreza, juventude e família serão os principais eixos de trabalho da arquidiocese nos próximos três anos. Essas prioridades foram aprovadas na 25ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, que reuniu lideranças de todas as instâncias da Arquidiocese, leigos, leigas, diáconos, religiosas e presbíteros, e foi realizada no final de novembro, no Seminário de Filosofia, em Mariana. Segundo o arcebispo, Dom Geraldo Lyrio Rocha, essas prioridades estão em sintonia com o PAE e contemplam as urgências da evangelização. Na ocasião, também foi aberto o Ano Nacional do Laicato que tem como tema "Cristãos leigos e leigas, sujeitos na Igreja em saída, a serviço do Reino".

Páginas 6 e 7



BRUNA SUDÁRIO

Natal de vozes



Representando a história do nascimento do Menino Jesus, a Cantata de Natal da UFV reuniu mais de 2.000 pessoas em frente ao edifício Arthur Bernardes, o Bernadão,

na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Com o tema "O Caminho é a Paz", aproximadamente 130 pessoas, entre cantores, músicos, técnicos de som e servidores gerais da universidade, se

prepararam para a apresentação deste ano, que teve no repertório músicas nacionais e internacionais, como "Hallelujah", "Maria Maria" e "Noite Feliz"

Página 12

Formação

A Formação Continuada dessa edição mostra como a espiritualidade cristã deve ser prioridade na vida de um agente de pastoral.

Página 9

Ecumenismo

No contexto dos 500 anos da Reforma Protestante, a Igreja busca promover a unidade dos cristãos e o diálogo inter-religioso. Para falar sobre esse tema, o Pastoral conversa com o presidente da Comissão para o Ecumenismo da CNBB, Dom Francisco Biasin.

Página 3

Evangelizar sempre foi a razão essencial da Igreja aqui, nas terras marianenses, como nos demais cenários da Igreja, no Brasil e no mundo. Até se confunde a evangelização com uma principiante doutrinação ou, para alguns incautos, um proselitismo religioso para angariar cristãos a todo custo. A Igreja Católica, com todos os percalços, sempre deu ênfase a uma atitude evangelizadora que preconize o sentido da presença e da consciência cristã nos diversos mundos sociais, culturais e religiosos.

O PAE (Projeto Arquidiocesano de Evangelização) traz a análise conjuntural que precede e acompanha os caminhos e os métodos para os alcances da evangelização em seu território eclesial, mas abertos aos marcos situacionais para além das fronteiras diocesanas. A urbanização é o fenômeno da modernidade que marca a existência dos cidadãos e dos que não vivem a cidadania dos direitos mais elementares da dignidade humana. O urbanismo abre-se a dimensões profundas da convivência humana, ao viver com o outro a todo custo e a sobreviver no embate das ideias e dos guetos do pensamento dominante e fechado em si mesmo. Urbanizar-se, positivamente, é criar a polis (a cidade dos homens e mulheres livres ou escravos) mas, outrossim, perpetuar a sociedade da violência, das drogas cada vez mais acentuadas, do distanciamento das pessoas, do desemprego reinante de mais de 13 milhões, etc. São 80% de moradores na área urbana da Arquidiocese. Como se situar nessa grandiosa camada de gente de todas as frentes existentes?

Falta uma concepção sociopolítica da fé que leve à transformação da realidade, através da organização social por direitos e envolvimento consciente na luta pelas melhorias sociais. A política está deteriorada e sem ética e transparência. Governos fazem da política a arte de desconstrução do bem viver. A eclesialidade diocesana exige participação ativa e consciente nos movimentos populares e na própria política do poder a serviço da vida para que a mesma não seja vilipendiada pelos escusos negócios da máquina dominante.

A economia presente provoca exclusão social. O Papa Francisco denuncia a economia de mercado que visa aos lucros à exaustão, impedindo os pobres de sobreviver. Impactos ambientais, como o desabamento da barragem do Fundão, em Bento Rodrigues, deixam devastação sem medida para a posteridade. Valha a consciência ecológica e a capacidade do ser humano saber usufruir da natureza sem destruí-la.

No âmbito social, vem o drama da fome, da miséria e precarização da saúde e da educação sem qualidade. As reformas governamentais não preenchem as necessidades básicas do povo. Urge uma atitude dantesca de repúdio a essa situação, contudo há a participação de todos nos destinos e na busca solidária das melhorias sociais e culturais. A evangelização inculturada se apresenta vivamente em quaisquer contextos e situações que exijam a atuação dos leigos e dos ministros consagrados.

Há uma grande riqueza da religiosidade popular, sempre salientada por Dom Geraldo por seus predecessores; a massa popular precisa ser sempre fermentada pela animação da Palavra, pelos Grupos de Reflexão e de vida, pela formação do laicato, pela organização das Comunidades Eclesiais de Base e pela libertação das mazelas que oprimem e violentam a vida.

A evangelização se faz presente cada vez mais nos diversos cenários da Igreja e do mundo

Discípulos missionários é o que se espera dos evangelizadores de hoje; do contrário, a caravana passa e muitos ficam parados esperando o próximo trem para partirem!



Ano do Laicato III

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Arcebispo de Mariana

O Ano do Laicato que estamos celebrando em todo o Brasil tem como tema "Cristãos leigos e leigas, sujeitos na Igreja em saída, a serviço do Reino" e como lema: "Sal da Terra e Luz do Mundo" (Mt 5,13-14). O objetivo do Ano do Laicato foi assim formulado: "como Igreja, Povo de Deus, queremos celebrar a presença e a organização dos cristãos leigos e leigas no Brasil; aprofundar a sua identidade, vocação, espiritualidade e missão; e testemunhar Jesus Cristo e seu Reino na sociedade".

O Concílio Vaticano II nos recorda que os leigos e leigas têm por irmãos aqueles que, estabelecidos no sagrado ministério, apascentam a família de Deus ensinando, santificando e governando com a autoridade de Cristo. Desse modo, todos somos chamados a colocar em prática o mandamento do amor (cf. LG 32).

Unidos no Povo de Deus e constituídos no corpo único de Cristo sob uma só cabeça, os leigos e leigas, como membros vivos e atuantes, com todas as forças que receberam da bondade do Criador e por graça do Redentor, são chamados a contribuir para o crescimento da Igreja e sua contínua santificação. Com sua atuação, os leigos participam na própria missão salvadora da Igreja, à qual todos são destinados pelo Senhor, por meio do Batismo e da Confirmação. E os sacramentos, sobretudo a sagrada Eucaristia, comunicam e alimentam o amor para com Deus e os irmãos. Mas os leigos são especialmente chamados a tornar a Igreja presente e atuante nos locais e nas circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra e a luz do mundo. Deste modo, todos os leigos e leigas, pelos dons que lhes foram concedidos, são ao mesmo tempo testemunhas e instrumentos vivos da missão da própria Igreja.

Além disso, os leigos e leigas, por diversos modos, podem também cooperar com os ministros ordenados em suas atividades específicas, à semelhança daqueles homens e

mulheres que ajudavam o Apóstolo Paulo no serviço do Evangelho. De acordo com as necessidades da comunidade, eles podem ser chamados a exercer certos cargos e a assumir determinados ministérios e funções. Como acontece em muitos lugares, leigos e leigas podem ser instituídos ministros do Batismo, da Palavra, da distribuição da Comunhão Eucarística, assistentes leigos para o Matrimônio e outros serviços eclesiais.

Incumbe, portanto, a todos os leigos a magnífica tarefa de trabalhar para que o desígnio de salvação atinja cada vez mais os seres humanos de todos os tempos e lugares. Portanto, deve estar amplamente aberto o caminho, a fim de que, segundo as próprias capacidades e de acordo com as necessidades, os cristãos leigos e leigas possam participar com ardor na ação da Igreja (cf. LG 33).

Ensina ainda o Vaticano II que Jesus Cristo, supremo e eterno sacerdote, continua também por meio dos leigos sua ação salvadora no mundo. Por isso ele associou os cristãos leigos e leigas à sua própria vida e missão e lhes concedeu participação no seu múnus sacerdotal, a fim de que exerçam um culto espiritual, para glória de Deus e salvação do gênero humano. Por esta razão, os leigos, enquanto consagrados a Cristo e ungidos no Espírito Santo, têm uma vocação admirável e são dotados para que os frutos do Espírito se multipliquem neles cada vez mais abundantemente. Pois todos os seus trabalhos, orações e empreendimentos apostólicos, a vida conjugal e familiar, o trabalho de cada dia, o descanso do espírito e do corpo e os próprios incômodos da vida, suportados com paciência, se tornam em outros tantos sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo (cf. 1 Ped. 2,5); sacrifícios estes que são oferecidos ao Pai, juntamente com a oblação do corpo do Senhor, na celebração da Eucaristia. E deste modo, os leigos e leigas, agindo em toda a parte santamente, consagram a Deus o próprio mundo (cf. LG 34).

Assine o PASTORAL

Faça seu depósito identificado em nome da Arquidiocese de Mariana, na Caixa Econômica Federal ou Casas Lotéricas,

Agência: 1701 - Conta: 583-3

Operação: 003 e envie email com seus dados e confirmação de depósito para assinaturaspastoral@gmail.com

Valor da assinatura: **R\$ 25,00** anual (12 exemplares)

PASTORAL Expediente

Periódico mensal, fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG

Endereço: Rua Dom Silvério, 51 Centro. CEP 35420-000 - Mariana/MG.

Tel.: (31) 3557 3167

Email: jornalpastoral@yahoo.com.br

Diretor: Pe. Wander Torres Costa

Jornalista: Marcelo Martins - MG 06241JP

Conselho Editorial: Edina da Silva, Ester Trindade, Pe. Geraldo Martins Dias, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. José Maria Coelho da Silva, Pe. Paulo Barbosa, Pe. Wander Torres, Carlos Heitor Fideles.

Dacom: Jornalista - Bruna Sudário

Diagramação: Gabriela Santos/DACOM

Colaboração: Editora Dom Viçoso. Rua Cônego Amândo, 131 - São José;

CEP 35420-000 - Mariana - MG.

Tiragem: 3.000 exemplares.

Diálogo ecumênico: rumo à unidade

Cinco séculos depois da Reforma Protestante, quando o monge alemão Martinho Lutero pregou suas 95 teses na porta da igreja do castelo da cidade alemã de Wittenberg, questionando a Igreja Católica e dando início a uma transformação religiosa no mundo, a Igreja continua o seu caminho de diálogo ecumênico. O Pastoral deste mês conversou sobre este assunto com o presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-Religioso da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Francisco Biasin.



REPRODUÇÃO

PASTORAL: O que a Reforma Protestante realmente representou para o cristianismo mundial?

DOM FRANCISCO: Lutero sentia um forte impulso para reformar a Igreja que, no seu tempo, estava mergulhada numa profunda crise a ponto de provocar críticas e resistências em muitos fiéis. Inicialmente, ele não tinha a intenção de criar uma divisão no mundo cristão. Não foram os temas centrais da Reforma, tais como a doutrina sobre a Justificação, que levaram à divisão da Igreja, mas antes o criticismo de Lutero à condição da Igreja do seu tempo. Somando a essa realidade outros fatores: políticos, econômicos, sociais e culturais, podemos afirmar que a atitude de Lutero foi o estopim que desencadeou a divisão na unidade do Corpo de Cristo. Por isso o fato em si provocou consequências graves no seio da Igreja.

PASTORAL: Após 500 anos, podemos dizer que os seus objetivos ficaram mais próximos de serem alcançados?

DOM FRANCISCO: Há muitos olhares a respeito disso. É impossível formular um juízo objetivo e isento sobre os objetivos da Reforma. Prefiro usar um olhar positivo, pois Deus na sua misericórdia sabe tirar o bem até do mal. Em primeiro lugar, a Reforma não surgiu propondo objetivos.



Dom Francisco Biasin, Dom Jaime Spengler e luteranos celebram 500 anos da Reforma na catedral de Porto Alegre (RS)

Logo foi interrompido. A partir do início do século passado o clima aos poucos foi mudando, a oração comum e recíproca acalmou os ânimos, os fatos históricos foram interpretados dentro do seu contexto religioso, político e cultural, os diálogos foram retomados até chegar ao Concílio Vaticano II que teve como objetivo justamente renovar a Igreja voltando à fontes bíblicas e patrísticas. Deus agiu e homens de Deus de várias Igrejas foram os seus instrumentos para uma nova primavera rica em flores e frutos.

“

Depois do Concílio Vaticano II, tudo na Igreja Católica tem sabor de reforma

logo foi interrompido. A partir do início do século passado o clima aos poucos foi mudando, a oração comum e recíproca acalmou os ânimos, os fatos históricos foram interpretados dentro do seu contexto religioso, político e cultural, os diálogos foram retomados até chegar ao Concílio Vaticano II que teve como objetivo justamente renovar a Igreja voltando à fontes bíblicas e patrísticas. Deus agiu e homens de Deus de várias Igrejas foram os seus instrumentos para uma nova primavera rica em flores e frutos.

PASTORAL: Quais os efeitos diretos para a Igreja Católica na época De hoje?

DOM FRANCISCO: A Igreja Católica, diante da provocação da Reforma, deu origem à Contra-Reforma que teve o seu ponto alto no Concílio de Trento. Praticamente, ergueu uma "muralha" para se defender dos ataques da Reforma, mas ao mesmo tempo teve que fundamentar melhor a sua doutrina e ensiná-la com novos métodos, rever os seus cânones, preparar melhor os seus ministros, se posicionar mais evangelicamente no uso dos bens terrenos, reformar as suas instituições, etc.

Hoje, depois do Concílio Vaticano II, tudo na Igreja Católica tem sabor de reforma: a compreensão de si mesma como Povo de Deus, a Liturgia, a Palavra de Deus na mão do povo, a presença da Igreja no Mundo em diálogo com ele, o protagonismo dos leigos e leigas na Igreja e no mundo, o diálogo ecumênico e inter-religioso, a liberdade religiosa, etc. Há quem diga que, se Lutero vivesse hoje, não haveria divisão!

PASTORAL: Há verdadeiramente um cristianismo reformado?

DOM FRANCISCO: Há uma espécie de refrão que se repete há séculos em muitas Igrejas. Em latim ele diz "Ecclesia semper reformanda!". Quer dizer: a Igreja está sempre em reforma. Obviamente não se trata de uma reforma física material, mas de uma renovação constante que atinge sobretudo os seus membros que caminham rumo à santidade de vida, mas também as suas estruturas e a sua organização. Trata-se de um processo contínuo! O cristianismo reformado só no fim dos tempos!

PASTORAL: As relações ecumênicas que existem entre a Igreja Católica e outras igrejas cristãs tratam de assuntos específicos que já estavam no texto inicial da Reforma?

DOM FRANCISCO: Não teve um texto inicial da Reforma, mas teses, como foi explicado anteriormente. Tratamos sim de assuntos específicos, sobretudo com as Igrejas históricas. Por exemplo, sobre a doutrina da Justificação já chegamos a um acordo de comum compreensão no ano de 1999. Também sobre o reconhecimento mútuo do Batismo com as Igrejas membros do CONIC (Conselho Nacional das Igrejas Cristãs). A hospitalidade eucarística. Pontos em comum na compreensão da Igreja e dos ministérios. O serviço comum aos empobrecidos e desamparados, etc.

PASTORAL: O que é mais importante para se viver um verdadeiro ecumenismo? O Papa Francisco tem dado exemplos importantes neste sentido?

DOM FRANCISCO: Para se viver o ecumenismo são necessários:

a) Conversão contínua. Na medida em que discípulos e discípulas do Senhor, membros de diversas Igrejas se voltarem para Jesus, que é o centro de nossa vida, nos aproximaremos também entre nós!

b) O perdão exercido sempre. Não há ecumenismo sem perdão porque muitas foram as culpas recíprocas do passado e a purificação da memória só acontece com o perdão que reconcilia os irmãos.

c) A oração constante. Trata-se do ecumenismo espiritual muito recomendado no Decreto Conciliar sobre o ecumenismo e se realiza de forma eminente na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos celebrada todos os anos na semana entre a Ascensão do Senhor e a Festa de Pentecostes.

Catequese apresenta compromissos para próximos anos



CATEQUESE

Assumir a Dimensão Bíblico-Catequética, tendo o Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE 2016-2020) como referência para planejamento e organização de suas atividades; criar e motivar grupos para leitura, estudo e aprofundamento da Palavra de Deus e dos principais documentos da Igreja e assumir o Plano Arquidiocesano de Catequese foram os compromissos apontados pelos participantes do II Congresso Arquidiocesano de Catequese.

Realizado de 2 a 5 de novembro em Conselho Lafaiete, o congresso acolheu 101 participantes, entre os quais se encontravam catequistas, membros da Pastoral Familiar, da Pastoral do Batismo, da Liturgia, dos Grupos de Reflexão e da CEBs e catequistas da Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano.

Segundo o coordenador arquidiocesano da Dimensão Bíblico-Catequética, padre Geraldo Souza,

os encaminhamentos dos compromissos assumidos foram confiados à equipe de coordenação Arquidiocesana de Catequese. “Em nossa próxima reunião este assunto será retornado. O mais certo é que, neste encontro, estes compromissos tenham alguns desdobramentos em ações que poderão merecer um planejamento maior, conforme o PAE em seu anexo da página 55: O que? Como? Quando e quem serão os responsáveis? O congresso definiu nossos compromissos, mas não entrou em detalhamento da maneira como serão executados. Tudo isso caberá à equipe de coordenação”, explica.

O II Congresso da Catequese contou com um resgate histórico da catequese na arquidiocese, com conferências sobre os temas “Dimensão Bíblico-Catequética”, “Catequese e Evangelização” e “Catequese e a Bíblia”, e com trabalhos em grupos.

PJ lança logotipo comemorativo pelos 30 anos na Arquidiocese

Rumo aos 30 anos de presença da Pastoral da Juventude (PJ) na arquidiocese, a Equipe Central apresentou, na 25ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, o logotipo comemorativo, que estará presente nas publicações da PJ durante este ano. O logotipo tem elementos que identificam a proposta e missão da PJ nas comunidades.

O número “3” e a palavra “anos” lembram as fitas e panos coloridos, sempre presentes nos encontros e representam movimento, dinamismo, alegria e diversidade tão presentes no universo juvenil. O “0”, simbolizado pelo anel de tucum, reafirma a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, o desejo de estar presentes nas periferias existenciais e memora o lema da XI Assembleia Arquidiocesana da PJ “Aqueles que ninguém quer, nós os queremos” (Madre Tereza de Calcutá). Os jovens de mãos dadas representam os grupos com os pés fincados na bíblia, seguindo a palavra de Deus como discípulos Missionários rumo à civilização do amor, simbolizada pelo sol e pelo coração. No interior do “0” se apresenta o logotipo da PJ no Brasil e da Arquidiocese de Mariana, reafirmando a comunhão e o compromisso da Pastoral da Juventude em ser presença efetiva com



nessa Igreja Particular.

A arte foi criada pelo assessor da PJ da paróquia de Nossa Senhora das Dores de Capela Nova, Leonardo Adriano. “Além de ser de grande responsabilidade para mim, simboliza a valorização de um trabalho pois a Pastoral da Juventude faz parte da minha vida e estar colaborando com os 30 anos dela é muito gratificante. Sou grato a diversas pessoas que me ajudaram na elaboração e na escolha do mesmo. Agradeço a Deus por me dar este grandioso presente”, ressalta Leonardo.

Para o ano de 2018, várias atividades de formação, celebração e espiritualidade estão sendo preparadas para comemorar os 30 anos da PJ na arquidiocese de Mariana.

Romaria do Povo Negro celebra a resistência e a articulação da PAB

Motivada pelo Ano Mariano, a primeira Romaria do Povo Negro foi realizada na Arquidiocese de Mariana no dia 26 de novembro, em Uruçânia, Região Pastoral Mariana Leste. A caminhada teve como tema “300 anos – Celebrando a resistência com a Mãe Negra Aparecida” e levou uma

média de 150 pessoas dos grupos de base da articulação da Pastoral Afro Brasileira (PAB).

Os participantes foram acolhidos no salão paroquial da paróquia Nossa Senhora do Bom Sucesso, de onde, ao som dos tambores, seguiram em cortejo rumo ao Santuário de Nossa

Senhora das Graças. “Foi linda a receptividade dos romeiros e romeiras que também se animavam e seguiam ao som dos cantos afros. No santuário, o cortejo se juntou às bandas de congados que já se encontravam por lá e todos foram acolhidos com muito carinho pelo padre Dário, que

motivou e apoiou este importante momento de fortalecimento da Pastoral Afro e também pelo padre Jurandyr que carinhosamente acolheu o convite para presidir a celebração da PAB”, relata a representante da equipe de articulação da pastoral, Maria José.

A caminho de uma Igreja pobre com os pobres

A 25ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, realizada nos dias 24 e 25 de novembro passado, inspirada no Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE 2016-2020) e no Ano Nacional do Laicato, refletiu sobre como tornar a Arquidiocese de Mariana uma Igreja em saída a serviço do Reino de Deus. Os mais de 120 participantes, entre leigos e leigas, religiosas, seminaristas, diáconos e padres, juntamente com nosso pastor, Dom Geraldo, aprofundamos a reflexão sobre a proposta de uma Igreja verdadeiramente missionária, que leve a força transformadora do Evangelho a todos os cantos da arquidiocese, a partir das “periferias” existenciais e geográficas às quais não chegou ainda a luz da Boa Nova anunciada por Jesus Cristo.

A maturidade e a profundidade dos debates, iluminados pelas conferências do padre Lúcio Álvaro e da Leci Nascimento, refletiram-se no trabalho dos grupos que indicaram as periferias que deverão de merecer a atenção de nossa ação evangelizadora nos próximos três anos. De nove periferias

indicadas, foram escolhidas três para serem trabalhadas, nessa ordem, a partir de 2018: *Pobreza, Juventude e Família*. As outras seis – *afastados, educação, mundo da política, dependência química, preconceito e mulher* – não ficarão esquecidas, considerando que todas dialogam entre si.

É providencial que dediquemos o ano de 2018 à solidariedade aos pobres e ao combate à pobreza, uma periferia na qual se encontra a maior parte do povo de nossas comunidades, reflexo de um país em crise profunda. Assistimos estupefatos ao desmonte de conquistas importantes no campo social e dos direitos humanos. O fantasma da fome e da miséria, embora não tivesse desaparecido por completo, reaparece de forma avassaladora. As reformas defendidas pelo atual governo, ilegítimas e sem nenhum apoio popular, apontam para os interesses de grupos econômicos, ignorando completamente os empobrecidos. Além disso, no próximo ano teremos eleições e o clima não favorece nem sugere mudanças que façam renascer a esperança dos brasileiros.

No cenário eclesial, fazer-se presente na periferia

“pobreza” em 2018 soou como uma decisão de inspiração divina já que, nesse ano, celebraremos o cinquentenário da segunda Conferência do Episcopado da América Latina e Caribe, a Conferência de Medellín, na qual a Igreja fez a opção preferencial pelos pobres. Será ótima oportunidade de reassumirmos, em nossa Igreja particular, essa opção que traduz de forma exemplar a “Igreja pobre para os pobres”, desejada pelo papa Francisco (EG, 198).

A expectativa é de que as pastorais, associações, movimentos e serviços eclesiais em todas as instâncias da arquidiocese assumam de maneira sistemática essa periferia como horizonte e limite de sua atividade evangelizadora. Inspirem-nos as últimas palavras de Dom Luciano: “não se esqueçam dos pobres”, lembrados de que somos chamados “não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (EG 198).

Pe. Geraldo Martins
Coordenador Arquidiocesano de Pastoral

Tributo faz memória a Dom Silvério

O legado de Dom Silvério, primeiro arcebispo negro da arquidiocese de Mariana, foi celebrado durante um Tributo realizado nos dias 21 e 22 de novembro, em Congonhas. Em sua quinta edição, a homenagem fez parte das comemorações pelo Dia Nacional da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro.

Organizado pela paróquia Nossa Senhora da Conceição em parceria com a Fundação Municipal de Cultura, Lazer e Turismo (FUMCULT) e as secretarias municipais de Educação e Cultura, o Tributo contou com uma celebração na matriz de Nossa Senhora da Conceição e uma mesa-redonda com o tema “Silvério de Congonhas, uma trajetória de vida”. O bate-papo contou com a participação de Maria do Carmo Dias Camelo, André Candreva, Paulo Henrique de Lima Pereira, Cláudio Riomar e mediação da secretária municipal de educação, Maria Aparecida Resende.

Durante a conversa, foram lembrados a história de vida de Dom Silvério, sua intelectualidade, seus es-

critos, os jornais fundados por ele a eleição para a Academia Brasileira de Letras e seu legado cultural.

Para o pároco de Nossa Senhora da Conceição, padre Paulo Barbosa, a realização deste tributo é uma grande honra. “Este é um momento de relembrarmos a figura de Dom Silvério na cidade de Congonhas e na arquidiocese. Mas, também, o tributo serve para refletir sobre a Semana da Consciência Negra, o combate ao racismo e ao preconceito, as injustiças sociais que infelizmente impõem este país. Dom Silvério representa as vitórias de uma pessoa nos âmbitos religiosos, culturais e políticos”, afirma.

Os alunos da Escola Municipal Fortunata de Freitas Junqueira acompanharam a programação do Tributo. Na ocasião, a exposição “Silvério das Gerais: o bispo, o negro, o sábio” também estava aberta para visitas.



REPRODUÇÃO

Dom Silvério

Dom Silvério Gomes Pimenta, foi bispo-auxiliar de Dom Benevides, de 1890 a 1896 e, após a morte deste, assumiu o governo da Diocese de Mariana. Em 1906, foi promovido a Arcebispo. Natural de Congonhas, Dom Silvério foi aluno do seminário de Mariana, onde foi recebido por Dom Viçoso, de quem era afilhado. Foi reconhecido pela sua sabedoria e santidade. Por duas vezes, foi eleito Vigário Capitular na vacância da Sé. Em 1919, foi eleito e empossado membro da Academia Brasileira de Letras.

Pastoral da Saúde se rearticula em encontro arquidiocesano

O diálogo e a interação entre os participantes marcaram o Encontro Arquidiocesano de Articulação da Pastoral da Saúde, realizado no dia 18 de novembro, no Centro de Pastoral em Mariana. Representantes das regiões Norte, Leste e Oeste estiveram presentes.

O encontro começou com uma apresentação sobre o processo de formação e de caminhada da Pastoral da Saúde na Arquidiocese de Mariana. Segundo a irmã Maria da Conceição Resende, que participou da fundação da Pastoral, a Pastoral

da Saúde foi fundada em 24 de março de 1993, na cidade de Itabirito. Uma explicação sobre o que é a Pastoral da Saúde, quem são seus agentes, quais são os seus objetivos, realizada pela coordenadora arquidiocesana, Maria José, e trabalhos em grupo também fizeram parte da programação.

Para o assessor arquidiocesano, diácono José da Silva Pires, o encontro foi ótimo. “Agora precisamos focar nessa rearticulação. A Pastoral estava bem parada e agora nós estamos voltando, já marcamos algumas reuniões

para o próximo ano e estamos iniciando este trabalho com mais comprometimento. Precisamos completar algumas vagas que existem dentro da pastoral, no sentido de coordenação, mas iremos trabalhar este ponto, tanto na coordenação arquidiocesana, quanto nas regionais”, disse o diácono.

Segundo o coordenador arquidiocesano de pastoral, padre Geraldo Martins, o encontro serviu também para despertar algumas questões que estavam esquecidas, como as três dimensões da Pastoral da Saúde.

GIRO RÁPIDO

Dia da Juventude

Dinâmicas e formação marcaram o Dia da Juventude da Região Centro realizado no dia 26 de novembro, em Porto Firme. Refletindo o tema “Construindo um jeito jovem de ser Igreja”, o evento reuniu mais de 150 jovens.

Uma missa, presidida pelo pároco anfitrião, padre Werques Rodrigues, abriu as atividades do dia. Momentos de assessoria com os representantes da Equipe Central da Pastoral da Juventude, Fábio Silva e Leonardo Henrique, fizeram parte da programação. O vigário episcopal da região, padre José Geraldo, falou sobre o que é a Pastoral da Juventude e sobre o Projeto Arquidiocesano da Juventude.

Pastoral Familiar

A Pastoral Familiar da Arquidiocese elegeu seus novos coordenadores. Thelma Rosane Figueiredo Trindade e Marcos Antônio Reis Trindade foram eleitos para coordenar os trabalhos nos próximos três anos. Euro Domingos Teixeira e Maria Aparecida Silvestre Teixeira, antes coordenadores, são agora os vice-coordenadores. Eles foram eleitos na V Assembleia da Pastoral Familiar Arquidiocesana realizada no dia 11 de novembro, no Centro de Pastoral Mariana Leste, em Ponte Nova.

A Assembleia teve como tema “Família Missionária, em saída” e foi iluminada pelo Projeto Arquidiocesano de Pastoral (PAE 2016-2020) e assessorada pelo padre Luiz Carlos Ferreira, assessor arquidiocesano da pastoral. Estiveram presentes 60 agentes de pastoral e o padre Sérgio José da Silva, assessor desta Pastoral na Região Leste. Durante o encontro, eles avaliaram a caminhada e definiram, à luz do PAE, prioridades para os próximos três anos.

Seminário

Comemorando o Dia do Seminário e também a solenidade de todos os santos foi realizada a instituição dos ministérios de leitor e acólito na comunidade da Teologia do Seminário São José no dia 5 de novembro. A celebração foi presidida pelo arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha.

Os Leitores instituídos foram: Lucas Muniz Alberto (Paróquia Santo Antônio - Santa Barbara), Leonardo Sérgio (Paróquia São Sebastião - Correio de Almeida) e João Luis da Silva (Paróquia Nossa Senhora da Conceição - Piranga). Receberam o Ministério de Acólito: Carlos Renato (Paróquia Bom Pastor - Barbacena), Gilsimar Tavares (Paróquia Santo Antônio - Cristiano Otoni) e Fernando Paulo (Paróquia Nossa Senhora da Conceição - Conselheiro Lafaiete).

Região Leste

A Dimensão Litúrgica da Região Leste da Arquidiocese de Mariana realizou no dia 11 de novembro uma formação em preparação para o advento e o natal, como parte do processo formativo das equipes de liturgia, a partir do caderno “Ano litúrgico”. A formação ocorreu no Centro de Pastoral da paróquia Santíssima Trindade, em Ponte Nova, e teve a presença de 97 participantes. No encontro, também foram discutidas pistas para celebrar o I Dia Mundial do Pobre, no 33º Domingo do Tempo Comum, e a abertura do Ano Nacional do Laicato, em Cristo Rei.

Clero

“Questões de administração paroquial e a reforma do estatuto das paróquias à luz do acordo Brasil/Santa Sé” foi o tema da Formação Permanente do Clero da arquidiocese realizada nos dias 6 a 8 de novembro na Casa de Encontro Bom Jesus, em Congonhas. Em sua terceira edição, a formação contou com a assessoria do Departamento Jurídico da Arquidiocese e reuniu mais de 40 padres. A formação permanente do clero é uma proposta que surgiu do projeto de Pastoral Presbiteral e é destinada aos padres e diáconos da Arquidiocese de Mariana.

A caminho das periferias

25ª Assembleia Arquidiocesana, realizada no final de novembro, aprova as prioridades da arquidiocese para o próximo triênio. Pobreza, Juventude e Família serão os principais eixos a serem trabalhados nos próximos três anos



FOTOS: GABRIELA SANTOS

No contexto do Jubileu de Prata da Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, leigos, leigos, diáconos, religiosas e presbíteros, se reuniram para concretizar o Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE 2016-2020) aprovando as prioridades da arquidiocese de Mariana para o próximo triênio. Pobreza, juventude e família serão os eixos de trabalho, denominados periferias, dessa Igreja particular nos anos de 2018, 2019 e 2020.

A escolha foi feita durante a 25ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral realizada no Seminário de Filosofia, em Mariana, nos dias 24 e 25 de novembro. Como bem observado pelo padre Lauro Versiani, os três eixos escolhidos estiveram presentes como prioridades da Igreja Latino-americana na Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, que em 2018 completará 50 anos. Uma feliz coincidência que aumentou o clima de alegria e unidade já instaurado na assembleia.

“O trabalho que será desenvolvido, tomando como referência as prioridades que foram apontadas são uma forma de concretizar as propostas do PAE, dando especial atenção para cada um dos pontos levantados na assembleia arquidiocesana. Essas prioridades estão em sintonia com o PAE e contemplam as urgências da evangelização”, disse o arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha.

O arcebispo acrescenta que em cada uma das prioridades apontadas, as ações devem-se desdobrar em várias frentes. “Em torno da prioridade juventude deve-se dar um des-

taque para a educação, pois os jovens encontram-se exatamente neste processo, no mundo da educação. E dentro do mundo da educação dar um destaque muito especial para o mundo universitário, pela presença significativa de universitários dentro da Arquidiocese de Mariana”, acentuou.

Para o coordenador arquidiocesano de pastoral, padre Geraldo Martins, não é possível desconectar essas propostas do PAE. “As propostas de ação se inspiram nas urgências da evangelização e serão trabalhadas anualmente. Nós queremos fazer com que toda Arquidiocese de Mariana, em 2018, esteja com

todas as suas organizações voltadas para ações que nos tragam a consciência da realidade da pobreza no Brasil, em nossas comunidades e nos levem a compromissos efetivos. É isso que propõem o PAE, que nos provoca a construir o reino a partir de Jesus, nós não podemos pensar no reino sem os pobres. As periferias escolhidas na assembleia são uma forma de concretizar o PAE, pela missão junto ao pobre, pelo resgate de sua dignidade”, ressalta.

As três periferias serão trabalhadas em toda a Igreja particular de Mariana nos próximos três anos. Algumas diretrizes, recomendações e linhas de ação foram sugeridas pela própria assembleia. A equipe arquidiocesana de pastoral organize as sugestões apresentadas.

Igreja em Saída

A 25ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral teve como tema “Igreja em Saída a serviço do reino de Deus” e reuniu mais de 120 pessoas. Neste ano, além dos membros do Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP), foram convocados os membros dos Conselhos Regionais de Pastoral (CRP).

Padre Geraldo Martins ressalta a organização e a maturidade da arquidiocese. “Os participantes demonstraram muita maturidade, seja na acolhida do conteúdo, seja na contribuição, quando foram chamados a intervir, e sobretudo nas votações, com argumentações fortes e respeitadas. A assembleia mostrou organização, comprometimento, sintonia com a Igreja no Brasil, mas também com a realidade do país. Foi, sobretudo, uma oportunidade de uma comunhão muito forte, com participação e maior envolvimento de pessoas, vindo os conselhos regionais”, afirma.



Todos somos Povo de Deus

A 25ª Assembleia de Pastoral também teve como marco a abertura do Ano Nacional do Laicato que terá como tema “Cristãos leigos e leigas, sujeitos na Igreja em saída, a serviço do Reino” e como lema: “Sal da Terra e Luz do Mundo” (Mt 5,13-14). Na ocasião, Dom Geraldo entregou às paróquias o estandarte do Ano do Laicato, que deve visitar todas as comunidades da arquidiocese.

A celebração do Ano do Laicato, logo após o Ano da Vocação Sacerdotal na arquidiocese, foi destacada por Dom Geraldo. “Se ficássemos só com o Ano da Vocação Sacerdotal, poderíamos induzir a uma compreensão errônea da Igreja. Mas também se só celebrássemos o Ano do Laicato, cairíamos no mesmo erro. Erram os que identificam a Igreja com o clero, os ministros ordenados, como erram igualmente os que identificam o povo de Deus com o laicato. Se identificarmos a Igreja como clero, deixamos os leigos fora da Igreja. Mas também se identificarmos o povo de Deus como laicato, deixamos os ministros ordenados fora do povo de Deus. Igreja somos todos nós. Povo de Deus somos todos nós”, explicou.

O arcebispo ressaltou também que a Arquidiocese de Mariana já vive a unidade entre leigos e ministros ordenados e que a assembleia de pastoral é um exemplo. “Graças a Deus a Igreja particular de Mariana já deu grandes passos nesse processo, como experimentamos e vivenciamos aqui. Foi isto a nossa Assembleia Arquidiocesana, que teve uma bonita participação de todos: bispo, presbíteros, diáconos, religiosas, leigos e leigas, todos sentados ao redor da mesma mesa discutindo os mesmos assuntos e participando das mesmas decisões. Que bonito! Experiência de Igreja, povo de Deus. E agora expressamos isso na forma sacramental da celebração da Eucaristia”, completou.

Para padre Geraldo Martins lembra que as periferias escolhidas na Assembleia de

Pastoral convocam os cristãos leigos e leigas a serem uma presença que transforma e liberta, unindo as proposta de trabalho pastoral ao Ano do Laicato. “O Ano do Laicato vem, antes de tudo, trazer a consciência da vocação dos cristãos leigos, tanto na Igreja, quanto na sociedade. A três periferias, escolhidas pela assembleia arquidiocesana de pastoral, como bem frisou Dom Geraldo, apontam para uma Igreja em saída. De fato essas ações da Igreja são fortes, organizadas e podem dar passos a mais. O que é também uma presença mais consistente dos leigos no mundo. As três periferias pobreza, juventude e família convocam os cristãos leigos a serem, nessas realidades, uma presença que transforma e que liberta. O Ano do Laicato será muito importante, primeiro para conscientizar o leigo que ele é o protagonista da evangelização, segundo para capacitá-lo para essa missão, terceiro para mostrar que ele é um sujeito chamado a viver intensamente a palavra libertadora de Jesus”, explica.

Atividades

Várias atividades estão sendo propostas para o Ano do Laicato. Em carta publicada ao povo de Deus, Dom Geraldo orienta que “cada Região Pastoral escolha a celebração de um jubileu, na própria Região ou em outra da Arquidiocese de Mariana, e promova nessa ocasião uma grande peregrinação, envolvendo todas as paróquias da respectiva Região. Os cristãos leigos e leigas sejam também motivados a participar de um Retiro Espiritual, a ser oferecido na paróquia, na Forania ou na Região, de acordo com a programação feita em comum acordo com o Conselho Pastoral Regional”.

O Conselho Arquidiocesano do Laicato (CLAM) também vai promover outras iniciativas ao longo do Ano do Laicato. Entre elas destaca-se o Seminário do Laicato que será realizado em Carandaí, em março de 2018, e a Assembleia Arquidiocesana do Laicato, em setembro de 2018.

Foi uma providência divina, uma santa inspiração dos Bispos do Brasil a instituição do “Ano Nacional do Laicato”. Tantas preces chegaram a Deus, neste ano de 2017, pelo povo brasileiro: Preces motivadas pelos 300 anos da aparição da imagem de nossa Senhora no Rio Paraíba e pelas tantas decepções do povo brasileiro que se sente traído pelos três poderes constituídos: o legislativo, o executivo e o judiciário.

O Ano do Laicato é um convite a continuarmos nossas preces, cheios de confiança, pela intercessão de Nossa Senhora que foi uma leiga orante: “O Senhor fez em mim maravilhas, santo é seu nome...” Uma leiga atuante: visita e presta serviço a Isabel. Uma profetiza: “Ele tira do trono os poderosos e eleva os humildes”.

Os forns sociais sempre insistem: “Outro mundo é possível!” Quando olhamos para tantos leigos e leigas comprometidos nas comunidades, renasce em nós a esperança. Sim, um outro mundo é possível, um outro Brasil é possível, uma outra política é possível... É possível ver de novo a “brava gente brasileira” ter seus direitos respeitados e os pobres trabalhadores e trabalhadores serem tratados como sujeitos de sua história (DAP, 197a).

Mas, para esta nossa alegria se concretizar é preciso ter a coragem que Deus recomendou a José (1,1-9), a atitude que Ele pediu a Jeremias (1,10) e a coragem que Ele deu a Judite e Ester.

O título do documento que a CNBB aprovou em 2016 é carregado de luzes: “Cristãos Leigos e Leigas sujeitos na Igreja e na sociedade – sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14). Estamos cansados de palavras, de mentiras, de sermos enganados. É hora de abrir o coração para Deus e ouvir o seu chamado para servir. Precisamos e queremos Leigos e Leigas presentes e atuantes na sociedade. Leigos e Leigas corajosos que não se deixam abater pelos maus exemplos de tantos traidores.

Mais do que nunca, é hora de cristãos Leigos e Leigas terem a coragem de assumir uma política partidária respeitosa, justa, a serviço do bem comum. Uma campanha política decente, verdadeiramente cristã, como se a campanha pré-eleições fosse uma grande missão, onde, nas visitas, se faria uma formação política. Escutar o povo com interesse, mesmo que a decepção leve alguém a ferir o/a candidato/a missionário/a com seu desabafo. Sua missão é despertar a esperança de quem já desistiu.

Outro lugar do Leigo e da Leiga é nos conselhos paritários. E que seja uma presença, mansa e humilde, mas profética e corajosa. Nunca se pode esquecer o que a Igreja vem repetindo: “a política é o melhor meio de se fazer caridade”.

A organização, formação e animação da comunidade eclesial (Documento 100 – CNBB) é função, principalmente, dos Leigos. Somos 210 milhões de brasileiros. Os não leigos (Diáconos, Padres e Bispos) não chegam a 30 mil. Portanto, são mais de 200 milhões de leigos e leigas no Brasil. A fé em Jesus abre os olhos para ver a realidade, dar passos e anunciar.

A comunidade é constituída de leigos e leigas chamados por Deus para construir Reino. Eles/as renovam a sociedade e a transformam em “um novo céu e uma nova terra, onde habitará a justiça” (2Pd 3,13), “fazendo novas todas as coisas” (Ap 21,5).

Papa Francisco envia saudação à Igreja no Brasil pelo Ano do Laicato

O Papa Francisco enviou à Igreja do Brasil, dia 15 de novembro, por meio do cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado do Vaticano, uma saudação por ocasião da abertura do Ano Nacional do Laicato, realizado no dia 26 de novembro, Solenidade de Cristo Rei.

"O Papa Francisco, querendo associar-se à Igreja no Brasil que no dia 26 de novembro de 2017 inaugura o Ano do Laicato, dirige-se a cada um dos leigos e leigas brasileiros, animando-lhes a que se sintam interpelados pela chamada a ser protagonistas da "nova saída missionária" que Deus pede à sua Igreja (cf. Evangelii

gaudium, 20)", escreve o Cardeal Pietro Parolin no documento.

Nesse momento particular da história do Brasil, o documento afirma que é preciso que os cristãos assumam sua responsabilidade de ser o fermento de uma sociedade renovada, onde a corrupção e a desigualdade dêem lugar à justiça e solidariedade. "Por isso, como confirmação de tais propósitos que confia à Nossa Senhora Aparecida, o Papa Francisco envia a todos os fiéis cristãos do Brasil a Bênção Apóstolica, pedindo que não deixem de rezar por ele", finaliza.

Com informações da CNBB



REPRODUÇÃO

Bispos pedem moratória para o cerrado

Representando as dioceses do entorno da Bacia do Rio São Francisco, dez bispos da Bahia, Pernambuco, Sergipe e de Minas Gerais assinaram a "Carta da Lapa", em que pedem uma moratória para o cerrado por um período de dez anos.

A moratória seria uma medida para que durante esse tempo não seja permitido "nenhum projeto que desmate mais ainda o Cerrado, a Caatinga e a Mata Atlântica, biomas que alimentam o Rio São Francisco e dele também se alimentam". Segundo estudiosos e peritos no assunto, a suspensão das atividades é urgente para a recuperação do lençol freático.

Os bispos explicam que o pedido foi feito diante do processo de morte em que o Rio se encontra e das consequências que isto representa para a população que dele depende. Com profunda dor, eles fazem seis constatações do estado do Rio, como o sumiço de inúmeras nascentes de pe-

quenos subafluentes e, em consequência, o enfraquecimento dos afluentes que alimentam o São Francisco; e o aumento da demanda da água para irrigação, indústria, consumo humano e outros usos econômicos, sem levar em conta a capacidade real dos rios de ceder água;

Ao final da carta, os bispos convocam as autoridades federais, os governadores, prefeitos, deputados, senadores e Ministério Público para que assumam a responsabilidade constitucional na defesa do "Velho Chico" e do seu povo.

O documento foi assinado no I Encontro dos bispos da Bacia do Rio São Francisco, realizado nos dias 21 e 22 de novembro, no Centro de Treinamento de Líderes (CTL), em Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Representando as 16 dioceses banhadas pelo Rio, os dez bispos se reuniram com o objetivo de estudar e discutir a realidade do Rio São Francisco, em comunhão com



JOÃO ROBERTO RIPPER

o ensinamento do Papa Francisco na Carta Encíclica Laudato Si.

O encontro também teve a presença de peritos, estudiosos e agentes de pastorais sociais que apresentaram um diagnóstico sobre a conjuntura hídrica da Bacia do São Francisco, com diversos dados da realidade da região, especialmente do Cerrado, principal fonte

de abastecimento do velho Chico. Entre os assessores estavam Roberto Malvezzi ("Gogó") da Diocese de Juazeiro/BA e especialista no tema, o Prof. José Alves Siqueira da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) em Petrolina e membros da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Com informações da CNBB

Campanha para Evangelização 2017

Em sintonia com o Ano do Laicato, a Campanha para a Evangelização (CE) deste ano tem como tema "Cristãos leigos e leigas comprometidos com a Evangelização" e o lema "Sal da Terra e Luz do Mundo" (Mt 5, 13-14).

A abertura da CE foi realizada na Festa de Cristo Rei, 26 de novembro, mesmo dia em que a Igreja no Brasil realizou a abertura do ano dedicado aos cristãos leigos e leigas. A campanha tem duração de três semanas e a conclusão acontece no terceiro domingo do Advento, dia 17 de dezembro, quando deve ser realizada, em todas as comunidades católicas, a Coleta para a ação evangelizadora no Brasil.

O Objetivo da campanha é despertar os discípulos e as discípulas mis-

sionários para o compromisso evangelizador e para a responsabilidade pela sustentação das atividades pastorais no Brasil. A iniciativa considera a ajuda para dioceses de regiões mais desassistidas e necessitadas.

Com a coleta desse ano pretende-se

apoiar as inúmeras iniciativas da Igreja no Brasil promovidas pelos cristãos leigos e leigas no serviço da evangelização, da dinamização das pastorais, na luta pela justiça social, nas experiências missionárias das Igrejas irmãs e na missão ad gentes.

A Campanha para Evangelização
Criada em 1997, durante a Assembleia Geral da CNBB, e iniciada em 1998, a Campanha para Evangelização tem como objetivo favorecer a vivência do tempo litúrgico do Advento e mobilizar a todos para uma Coleta Nacional que ofereça recursos a serem aplicados na sustentação do trabalho missionário no Brasil. Tal iniciativa considera a ajuda para dioceses de regiões mais desassistidas e necessitadas.

O gesto concreto de colaboração na Coleta para a Evangelização será partilhado, solidariamente, entre as dioceses, que receberão 45% dos recursos; os 18 regionais da CNBB, que terão 20%; e a CNBB Nacional, que contará com 35% das contribuições.

Com informações da CNBB

EVANGELIJA



A espiritualidade do Agente de Pastoral

Muito se fala, em nossos dias, sobre espiritualidade: do catequista, do missionário, dos líderes, dos ministros, dos agentes de pastoral. O que é, portanto, a "espiritualidade" e como vivê-la no dia a dia de nossa ação pastoral?

O conceito de espiritualidade dentro da Igreja teve, durante muito tempo, uma compreensão ligada aos mosteiros. Era quase um monopólio dos monges, daqueles que se retiravam do mundo, para viver em contemplação. A partir da reforma das ordens religiosas, esse conceito sofre modificações, sobretudo no que diz respeito à proposta espiritual da Companhia de Jesus, no século XVI, feita de uma síntese entre contemplação e ação, unindo a comunhão mais profunda com o mistério às atividades realizadas no meio da vida corrente.¹

Devido ao surgimento de muitos movimentos de espiritualidade, principalmente com o advento do pentecostalismo e neopentecostalismo, que acentuam a perspectiva individualista, muita gente a entende como um valor individual, orientado para o aperfeiçoamento pessoal ou como busca da "vida interior". Um modelo de espiritualidade desenraizado do chão, distante da realidade, mais parecendo uma fuga do compromisso com o mundo. Essa espiritualidade é compreendida como "seguimento espiritualista de Jesus", caracterizado pela insensibilidade à presença e às necessidades das pessoas reais e concretas.² O aparente sucesso desses movimentos acabou por distorcer a compreensão da verdadeira espiritualidade.

Na América Latina, dá-se uma nova maneira de pensar e viver a espiritualidade: que compreende solidariedade e gestos concretos em favor dos pobres e oprimidos. Uma espiritualidade vivida no dia a dia e comprometida com a realidade social. O teólogo Gustavo Gutierrez a sintetiza como "um modo de ser cristão no mundo".

"Espiritualidade" é deixar-se guiar, a cada instante, pelo Espírito de Deus, que se manifestou em Jesus Cristo ressuscitado, que anima a nossa caminhada na edificação do Reino de Deus. "É, portanto, um caminho estreitamente ligado à vida concreta. No nosso caso, a complexa realidade brasileira é o lugar onde o agente de pastoral é chamado a viver a cada dia a espiritualidade cristã e a deixar-se conduzir pelo mesmo Espírito que animou Jesus e o levou a inserir-se na trama humana e assumir o risco da história"³.

O Papa Francisco define-a como abrir-se sem medo à ação do Espírito Santo, que em Pentecostes "faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua.



BRUNA SUDARIO

Além disso, o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia, em voz alta e em todo o tempo e lugar" (EG. 259).

Uma espiritualidade a partir de Jesus Cristo

Não falamos aqui de uma espiritualidade qualquer, mas de uma "espiritualidade cristã", que é viver guiados pelo Espírito de Deus que animou Jesus e o enviou em missão: "o Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor" (Lc. 4,18-19).

Para ser discípulo missionário de Jesus, não basta professar a fé, elevar a alma a Deus ou fazer retiros espirituais. É necessário um encontro pessoal com Ele, compartilhar do seu caminho, deixar-se orientar pelo mesmo Espírito que o guiou: "O Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu lhes

O Papa lembra ainda que a Igreja não pode dispensar a oração, principalmente nos grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações da Eucaristia. Mas ao mesmo tempo alerta para o risco de uma espiritualidade intimista e individualista, que pode levar as pessoas a usarem esses momentos como desculpa para não dedicarem a vida à missão, refugiando-se numa falsa espiritualidade (EG. 262).

"A espiritualidade, portanto, é aquilo que nos anima e nos impulsiona à vida cristã. É fruto de nossa relação com Deus, a qual se manifesta nas atitudes cotidianas e no serviço ao próximo. Assim, falar de espiritualidade não é falar de uma parte da vida, mas de toda a vida. É a dimensão espiritual que alicerça o ser cristão na experiência de Deus manifestado em Jesus e o conduz, pelo Espírito, nos caminhos de um amadurecimento profundo"⁴.

Assim, a espiritualidade cristã não se reduz a um momento ou um aspecto da vida, mas abarca todo o nosso ser. É uma exigência de todo batizado que, no encontro pessoal com Jesus Cristo, descobre a sua missão no mundo e sua vocação à santidade. O lugar de vivência da espiritualidade não é outro senão o mundo, a história humana, os conflitos, o lugar onde Deus nos colocou.

"A opacidade e o jogo de luz e sombras de que é feita a história humana passa a ser para todo aquele ou aquela que caminha segundo o Espírito, no seguimento de Jesus, buscando fazer a vontade do Pai, uma permanente epifania, uma constante redescoberta de que tudo – a dor e a alegria, a angústia e a esperança – tudo é graça"⁵.

Notas Bibliográficas

¹ Maria Clara Bingemer. In "Viver como crentes no mundo em mudança", ed. Paulinas.

² Pe. Valdir José de Castro. In "A espiritualidade no cotidiano". Revista Vida Pastoral maio-junho de 1995.

³ Idem, ibidem

⁴ Rodrigo Borghetti. "Por uma espiritualidade encarnada..." Revista Vida Pastoral maio-junho de 2010

⁵ Maria Clara Bingemer. In "Viver como crentes no mundo em mudança", ed. Paulinas

Para refletir com seu grupo ou equipe pastoral

1. A partir desta reflexão, o que você entende por espiritualidade?
2. Em sua comunidade existem movimentos de espiritualidade? Quais?
3. Como viver a espiritualidade cristã dentro de nossa realidade brasileira, marcada por corrupção, injustiça, exclusão social e miséria?

Vamos celebrar!

17 de dezembro – 3º Domingo do Advento

A **liturgia da Palavra** traz novamente a figura de João Batista, não mais caracterizado pelo tema da conversão, mas do testemunho. Ensina que é importante prestar atenção na voz de João Batista, profeta enviado por Deus, que anuncia a vinda de Jesus, a Luz verdadeira. Somos convidados a descobri-Lo, dilatando nosso coração em alegria e motivados a endireitar nossos passos, com os olhos abertos e o coração sensível aos sinais de sua manifestação.

O **Mistério Celebrado** nos insere na celebração da Páscoa do Senhor e nos ajuda vivenciar a celebração como ensaio e antecipação da realidade nova, que desejamos para nós e para o mundo. Motivados pela alegria da chegada do Senhor que vem como Luz, na noite de cada pessoa e de todos os povos que anseiam por paz e libertação, escutemos o convite de João Batista que exorta: “*Aplainai o caminho do Senhor*”, pois, “*no meio de vós está quem vós não conheceis*”.

A **celebração:** 1. Este é o Domingo da Alegria, por isso, em latim, ele se chama domingo “*Gaudete*”. Nossa celebração deve ser revista de uma exultação de alegria, porque aquele que esperamos já está conosco, em

24 de dezembro – 4º Domingo do Advento (Até o final da tarde)

A **liturgia da Palavra** através da anunciação do anjo Gabriel a Maria, mostra que Deus intervém gratuitamente e de modo soberano na história da humanidade. Ao trazer o pleno cumprimento de todos os sinais que anunciavam a vinda do Salvador, mediante a Graça de Deus e a disponibilidade de Maria, o Evangelho mostra que não foi por meio do templo de Jerusalém, nem foi com aval da religião oficial da época, que o dom maior de Deus à humanidade: Jesus Cristo, o Salvador, veio ao mundo, e sim por meio do corpo de uma humilde jovem de Nazaré. Nela Deus faz a sua tenda. Por ela Deus revela o seu poder e a sua glória. Em seu ventre é gerado o Filho de Deus, o Messias, da descendência de Davi, conforme a promessa feita por meio dos profetas. Pela obediência da fé de Maria, a Palavra divina tornou-se eficaz.

O **Mistério Celebrado** nos insere na celebração da Páscoa de Cristo, bendizendo ao Pai pela manifestação de seu Filho em nossa “carne”. O Emanuel, Deus Conosco, veio nos livrar do pecado e da morte e nos

24/12 (após o final da tarde) e 25/12 Solenidade do Natal

O Natal celebra o fantástico acontecimento que mudou a história da humanidade. Vivemos o mistério do intercâmbio entre o céu e a terra, entre o divino e o humano, Deus torna-se humano para que o homem se torne divino. Não é um conto de fadas, mas um fato real, a eternidade penetrou no tempo, para que o tempo pudesse mergulhar na eternidade. Jesus é o nosso Deus, o amor que afaga todos os anseios, a única resposta a todas as perguntas, a estrada que sempre conduz à felicidade, porque finaliza as buscas mais profundas da vida.

São quatro celebrações diferentes, com liturgia própria: I Vésperas da Solenidade do Natal (seguinte); Missa da Noite de Natal; Missa da Aurora (não é conventual) e missa do Dia de Natal. **Sejam preparadas com antecedência e se possível por equipes diferentes.**

Leituras da Missa Vespertina da vigília do Natal: Is 62-1-5; Sl 88 (89); At 13, 16-17. 22-25; Mt 1, 1-25 (Mais breve 1, 18-25). **Leituras da Missa do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo,** Solenidade com Oitava (Também chamada Missa da Noite de Natal ou, do “Galo”): Is 9, 1-6; Sl 95 (96); Tt 2, 11-14; Lc2,11-14. **Leituras da Missa da aurora:** Is 62, 11-12; Sl 96 (97); Tt 3, 4-7; Lc 2,15-20. **Leituras da missa do dia de Natal:** Is 52, 7-10; Sl 97 (98); Hb 1, 1-6; Jo 1, 1-18 (Mais breve 1, 1-5. 9-14).

nosso meio, na luta dos pequenos e pobres. Ele mesmo vem para endireitar nossos caminhos e nos conduzir à festa do seu Natal. 2. A cor litúrgica deste domingo é o róseo. Podem-se utilizar arranjos de flores pequenos e discretos, com moderação, pois ainda não é natal. 3. Procissão de entrada trazendo a cruz processional, o Lecionário e algum símbolo que a comunidade preparou. Onde for costume, um cartaz com a frase: “*João Batista aponta o caminho, mas a decisão de caminhar é nossa*”; ou: “*É Jesus que deve brilhar por meio de nosso jeito de ser e agir!*”. 4. Acender a 3ª vela do Advento nos ritos iniciais como já foi sugerido nos domingos anteriores, ou no momento da aclamação ao Evangelho. Após a proclamação, apresentá-la à assembleia juntamente com o Evangelário. Esse gesto poderá ser acompanhado por uma frase ou refrão inspirado nas leituras ou no salmo deste domingo. Em seguida, a vela é colocada na coroa do Advento, com as outras duas já acesas. 5. Marcar toda celebração com expressões de alegria e de esperança. Após o sentido litúrgico a comunidade poderá ser convidada a falar dos motivos que tem para se alegrar e ter esperança, como sinais da

introduzir no seu Reino de vida e liberdade. A salvação que vem de Deus não é um sonho irreal, mas é sua própria presença, manifestada em seu Filho, envolvendo Maria, José e todas as pessoas que se engravidam de seu projeto e geram uma nova maneira de viver.

A **celebração:** 1. A cor roxa clara ou lilás continua indicando a chegada do Salvador. A figura a ser destacada é a virgem Maria, mulher em cujo ventre o Verbo divino se humanizou, fazendo com que entremos no dinamismo do seu amor e fidelidade. 2. Valorizar a participação das mães gestantes e de crianças nos vários momentos da celebração 3. Procissão de entrada trazendo a cruz processional, o Lecionário e as imagens ou figura de Maria e de José para serem introduzidas no presépio. Onde for costume, um cartaz com a frase: “*A vocação da mãe de Deus ilumina a nossa vocação!*”; ou: “*Não podemos trancar Deus no nosso coração: ele quer ser comunicado!*”. 4. Uma gestante traz, na procissão de entrada, a 4ª vela, que deverá ser colocada na coroa do Advento, no momento escolhido e acompanhado por

A **Liturgia da Palavra** das Missas de Natal, recordando o nascimento de Jesus em Belém, pobre entre os pobres, mostram que a encarnação de Jesus é real e histórica. Apontam para a ternura de Deus pela humanidade: “*O Verbo (Palavra eterna), Filho amado do Pai se faz uma pequenina e frágil criança, filho de um casal de pobres, provindo de um recanto do mundo*” (cf. Jo 1,46). A missa da Noite de Natal deve ser a mais solene. Ela revela que Jesus é a verdadeira luz que brilha na vida dos pequenos e indefesos e mostra que do meio das palhas de sua manjedoura o Menino-Deus nos faz um forte apelo à solidariedade entre nós.

O **mistério celebrado** nos insere na celebração da páscoa de Jesus Cristo que acontece na sua Encarnação, no seu ato solidário de assumir em tudo a nossa condição humana, realização da promessa de Deus, em

presença amorosa e fiel de Deus e do seu Reino em nosso meio (fatos, acontecimentos apresentados em forma de jogral, recortes de jornais num cartaz ou, simples recordação falada). 6. Omite-se o hino do Glória para que seja cantado solenemente na noite de Natal. 7. A 1ª ou a 2ª leitura, se possível, sejam proclamadas de cor e o evangelho dialogado ou, cantado. Valorizar também o silêncio após cada proclamação. 8. Neste domingo realiza-se a coleta nacional para a evangelização da Igreja no Brasil, proposta pela CNBB. 9. Antes do canto de apresentação das oferendas, a comunidade seja motivada a apresentar os sinais da vinda do Senhor e de seu Reino, presentes na realidade local. 10. Cantar o Prefácio, o Santo, as Aclamações, o Amém e o “Cordeiro”. 11. No abraço da paz, realçar a alegria como fruto da paz. 12. O Advento é um tempo em que a Igreja reaviva a missão de anúncio do Messias; dar prosseguimento ao gesto concreto proposto à Comunidade. 13. Se a Comunidade ainda não começou a armar seu presépio, será muito oportuno fazê-lo neste início desta “Semana Santa” do Natal. 14. Bênção final, própria do Advento, conforme p. 519 do Missal Romano.

um refrão ou frase bíblica ligada à liturgia da Palavra deste domingo, conforme já sugerimos nos domingos anteriores. Em seguida, a vela é colocada na coroa do Advento, com as outras três já acesas. 5. Omite-se o hino do Glória para que seja cantado solenemente na noite de Natal. 6. O Evangelho poderá ser cantado. No final da proclamação, a assembleia poderá cantar a “Ave Maria”, retomando o evangelho. 7. É bom que a resposta às preces seja cantada, assim como Prefácio, o Santo e o Amém no final da Oração Eucarística. 8. Antes do Prefácio, a comunidade seja convidada a proclamar as esperanças que animam, hoje, a caminhada dos pobres. 9. O advento é um tempo em que a Igreja reaviva a missão de anúncio do Messias; dar prosseguimento ao gesto concreto proposto à Comunidade. 10. Dar bênção especial às mães gestantes presentes e, a todo o povo, valendo-se da bênção própria do Advento (p. 519 do Missal Romano). 11. Encerrar a celebração com um canto Mariano.

fazer uma aliança eterna de amor com toda a humanidade e de estabelecer o seu Reino no mundo. Fazendo isso, recordamos o nascimento de Jesus em Belém, pobre entre os pobres. Junto com os pastores de ontem e de hoje, acolhemos o anúncio dos anjos e proclamação a paz todos os “filhos amados de Deus”.

A **celebração:** 1. A Liturgia não evoca apenas os mistérios de Cristo, mas vive-os no presente. Cristo não se revelou apenas no passado, manifesta-se hoje quando a Igreja, reunida, comemora os mistérios de sua manifestação. Importa, pois, viver o nascimento de Cristo e sua manifestação, importa também ver como Cristo poderá continuar a nascer e a manifestar-se em nós e nos outros hoje. São diversas as propostas para dinamizar a liturgia da celebração de Natal. Naturalmente, não será possível realizar todas as sugestões

numa única celebração, caberá à equipe reunir-se e fazer um discernimento, sobre quais serão apropriadas. 2. Apenas na primeira missa (“da noite”), após o Sinal da Cruz e a saudação de quem preside, pode-se cantar ou recitar, do ambão, o Anúncio do Natal (Kalendas), antes da entoação solene do hino do Glória (Cf. página 40 do Diretório da Liturgia - CNBB). É possível também inserir o Anúncio do Natal dentro de um pequeno lucernário, que pode ser realizado no início da celebração, ou mesmo antes de iniciar a celebração (nas paróquias onde há apenas um padre, e este chegará apropriadamente para presidir, ou terá que sair rapidamente para presidir em outra comunidade). **Sugestão para a Celebração da Luz (Lucernário):** Com a igreja na penumbra, cinco jovens, em diversos pontos da mesma, com velas compridas nas mãos, vão acendendo as velas dos fiéis da seguinte maneira: no meio da igreja uma jovem vestida de branco ou amarelo acende o círio dizendo: *Voz 1: “Hoje nasceu para nós o Salvador do mundo. Brilhou em nossa noite a claridade da verdadeira LUZ”.* O Coral e a assembleia cantam: “*A luz resplandeceu / em plena escuridão / Jamais irão as trevas, / Vencer o seu clarão.*” (As outras jovens, posicionadas em vários pontos do local da celebração, acendem suas velas e vão acendendo as velas dos fiéis à volta, enquanto proclamam): *Voz 2 – “Um Salvador nasceu para nós!” Voz 3 – “Que se despertem todos os que dormem!” Voz 4 – “Que se levantem todos os encurvados da terra!” Voz 5 – “Que haja um justo julgamento para os que matam e oprimem!” Voz 6 – “Porque o Sol da justiça resplandeceu!”.* O Coral e a assembleia canta novamente: “*A luz resplandeceu...” Voz 1 – “Que todos os povos caminhem para a claridade de sua LUZ!”.* (À luz das velas, o diácono e, na falta dele o padre ou um salmista, canta, do

Ambão, o Anúncio de Natal, semelhante à proclamação da Páscoa (Kalendas - Hinário Litúrgico 2, p. 143 e com a mesma melodia). No final, acendem-se todas as luzes da igreja e canta-se o hino do Glória, ao final apagam-se as velas. 3. Nas outras missas o canto do Glória poderá ser acompanhado de uma dança litúrgica, feita por um grupo de crianças e ao som de sinos, onde houver. 4. O Natal é a festa da LUZ, conforme nos sugere a Revista de Liturgia (número 131), seria interessante valorizar o Círio Pascal na Vigília do Natal. Isso ligaria mais a festa do Natal à festa da Páscoa. Nas demais celebrações do Natal ele pode ser trazido na procissão da Palavra por uma jovem vestida de branco, que dirá, ao colocá-lo junto ao ambão: “*Uma luz brilhou nas trevas. Um filho nos foi dado. Hoje nasceu para nós o Salvador*”. 5. Fazer a procissão com o Lecionário após a oração Coleta, ou mesmo o Evangelário no início da Celebração. 6. Durante o canto de aclamação ao Evangelho, o livro da Palavra pode ser apresentado à assembleia com danças, e na missa da noite acompanhado de tochas e incenso. No final da proclamação, repetir o canto da aclamação. 7. A proclamação do Evangelho poderá também ser cantada. Onde houver o costume, a proclamação do Evangelho poderá também ser encenada, integrando o presépio vivo à celebração. 8. Valorizar o presépio, flores, luzes estrelas, vestes brancas ou coloridas e danças. 9. Em todas as missas na profissão de fé: ao “E se encarnou”, todos ajoelham. Se o credo for cantado, com os dois joelhos. De preferência utilizar o texto Nicenoconstantinopolitano. 10. Na Celebração Eucarística, cantar o Prefácio, o Santo, as aclamações da Prece Eucarística, Amém final, o Pai-Nosso e o Cordeiro de Deus. Na Celebra-

ção da Palavra, cantar a louvação do Natal sugerida no Hinário Litúrgico 1, CNBB, pag.74. 11. Durante o canto do Pai-Nosso, as crianças ficam de mãos dadas, ao redor do altar, e de lá trazem o abraço da paz a toda a assembleia. 12. Principalmente neste dia, a comunhão seja feita sob as duas espécies para toda a comunidade, conforme as novas orientações em vigor. 13. Bênção especial para as crianças e solene, para todo o povo, como nos sugere o Missal, p. 520. 14. No final, sair em procissão até o presépio onde os corais da paróquia cantam músicas populares de Natal, ou cantos de folia, conforme o costume da comunidade. 15. É bom oferecer, nesta noite, algum agrado para todas as crianças. Terminar as celebrações com um Ágape fraterno (ale-nização) com toda a comunidade, no salão paroquial.



REPRODUÇÃO

31 de dezembro – Festa da Sagrada Família

A **Liturgia da Palavra**, tornando presente e inesquecível a experiência de Cristo que se encarna assumindo a realidade comum das famílias, mostra que Deus escolhe a família humana como sua família. Celebrando, dentro da oitava do Natal, a festa da Sagrada Família, tornamos presente e valorizamos a vida de nossas famílias com suas alegrias e sofrimentos, conquistas e conflitos, mas também com a certeza de que são sustentadas e guiadas por Deus para um caminho feliz de vida plena.

No **mistério celebrado**, o Pai nos convida a entrar no mistério sempre atual da ENCARNAÇÃO de Seu Filho Amado, na realidade de uma família, e a assumir o seu caminho, como Maria e José, que assumiram o destino de Jesus e foram fiéis a Deus mesmo dentro das contradições e dificuldades da Vida.

A **celebração:** 1. Convidar a Pastoral Familiar, o ECC (Encontro de Casais com Cristo), o SAV (Servi-

ço de Animação Vocacional) e as expressões juvenis, e grupos afins para ajudarem na preparação da celebração. 2. Procissão de entrada com famílias, levando a Cruz Processional, velas acesas, o Lecionário, flores. 3. Rito penitencial com invocações próprias, se possível, apresentadas por algumas famílias. Aspergir a assembleia, enquanto se entoia um canto adequado. 4. A liturgia da Palavra tenha a participação especial da FAMÍLIA. A 1ª leitura, quando possível, seja proclamada de cor por um (a) jovem. 5. O canto do Salmo poderá ser acompanhado por uma dança litúrgica, envolvendo toda a assembleia, no refrão. 6. A 2ª leitura seja proclamada por um casal, cuidando para que os versículos dirigidos às esposas sejam lidos pelo marido, e os versículos dirigidos aos maridos sejam lidos pela esposa. 7. Lembrando Maria e José com o Menino no templo, durante a aclamação ao Evangelho, um casal, com seu filho (a), coloca-se diante da mesa da

Palavra e de lá, com velas acesas, acompanham a proclamação do Evangelho. O Evangelho seja dialogado ou cantado. 8. Encerrar a homilia com depoimentos de algumas famílias, falando sobre a vocação ao matrimônio. 9. Cantar o Prefácio, o Santo, as Aclamações, o Amém no final da Doxologia e o “Cordeiro” de Deus. 10. Na oração do Pai-Nosso, que poderá ser cantada, dando-se as mãos, formando a grande FAMÍLIA de Deus ao redor do altar. 11. Dar destaque especial ao abraço da paz. 12. A Comunhão seja feita com as duas espécies, de acordo com as orientações em vigor. Onde for possível, no final, fazer uma pequena confraternização, considerando as crianças e as pessoas que não participam do Pão Eucarístico. 13. Bênção especial, com a imposição das mãos, sobre as famílias presentes e oração própria. Em seguida, abençoar toda a comunidade com a fórmula própria do Tempo do Natal (Cf. Missal, p. 520).

01/01/2018 – Solenidade da Santa Mãe de Deus

Concluimos a oitava do Natal celebrando a Solenidade da Maternidade Divina de Maria. Hoje também celebramos o “Dia Mundial da PAZ”. Iniciando um novo ano, a paz é desejada, no mundo inteiro, suplicada como sinal da bênção de Deus para toda humanidade.

No **Liturgia da Palavra**, recordamos a maternidade divina de Maria, mostrando que, para realizar sua presença, o Verbo se fez carne no ventre de Maria. É também o dia em que o Menino recebeu o nome de Jesus, isto é, SALVADOR e Senhor da Paz, por isso, neste “Dia Mundial da Paz”, no mundo inteiro, a paz é desejada, suplicada como sinal da bênção e da proteção permanente.

No **mistério celebrado**, em nome de Jesus, a plenitude da bênção, invocamos toda sorte de bênçãos para o novo ano que começa. Fazemos isso junto com Maria, que participou do Mistério da vinda do Salvador, Jesus Cristo, que nasceu humano por meio dela, como a maior bênção de Deus para toda a humanidade.

A **celebração:** 1. Nesta celebração, nós bendizemos a Deus pelo SIM de Maria e nos comprometemos a ser uma bênção e portadores da paz para o mundo. Que seja possível a superação dos conflitos entre as nações,

entre as famílias e as pessoas. 2. Concede-se Indulgência Plenária a todas as pessoas que, em comunidade, rezarem ou cantarem o “Te Deum” em ação de graças (Cf. Enchir. Indulgentiarium, nº 60). 3. Na procissão de entrada, além da cruz, das velas, uma pessoa, com veste branca, ou um grupo de crianças, trazem a bandeira, símbolo da paz. Onde for costume, trazer também um cartaz com os dizeres: “*Não lutaremos pela paz enquanto não estivermos encantados por ela*”; ou: “*O novo nome da Paz é Justiça*”. (Paulo VI). 4. O sentido litúrgico deve ajudar os fiéis a perceberem que nesta celebração, nós bendizemos a Deus pelo SIM de Maria e nos comprometemos a ser uma bênção e portadores da paz para o mundo. Que seja possível a superação dos conflitos entre as nações, entre as famílias e as pessoas. 5. Substituir o ato penitencial pelo rito da Aspersão. No final, poderá ser feito um pequeno rito de paz: a pessoa que traz a bandeira, dança em torno do Altar, da Mesa da Palavra e no meio da Assembleia, enquanto todos

cantam o seguinte canto: “*É bonita demais, é bonita demais! A mão de quem conduz a bandeira da paz!*” (bis), ou outro adequado. Quem preside, introduz este rito, lembrando que, no mundo inteiro, neste dia, reza-se pela Paz. No final do rito, todos se abraçam desejando-se a Paz. 6. O canto do salmo poderá ser acompanhado de uma bonita dança litúrgica, ou coreografado pelo grupo de crianças com a bandeira. 7. A bandeira poderá ser utilizada também durante o canto do Glória, nas aclamações, no canto do Santo, na bênção final ou em outros momentos em que a comunidade achar oportuno. No final da celebração, a bandeira sai pelo meio da assembleia. 8. Onde for possível, cada pessoa recebe, ao sair, uma flor, ou uma fita branca, como sinal da paz recebida e que deve ser levada a todos, durante o novo ano que se inicia. 9. Dar um destaque especial à bênção final, que poderá ser cantada. O Missal Romano, na p.520, oferece uma oração de bênção própria para essa celebração.

Natal de música e fé

Cantata de Natal conta história do nascimento do Menino Jesus na Universidade Federal de Viçosa



FOTOS: DANIEL SOTTO MAIOR/UFV

As janelas, portas e escadarias do edifício Arthur Bernardes, o Bernadão, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), ganham vida, músicas e luzes com a Cantata de Natal. Desde dezembro de 2012, a apresentação conta a trajetória do nascimento do menino Jesus, abrilhantando a programação de Natal da cidade.

A data, que é cercada de tradições, traz desde a Roma antiga o costume de cantar o Natal. O 'Noite Feliz' é um exemplo de tradição natalina. Foi escri-

panhamento que pode ser só piano, bem como uma orquestra completa. Eu já realizava um evento similar em Juiz de Fora por 18 anos ininterruptos. Portanto, queria continuar com a ação, embora tivesse roupagem distinta na UFV por conta da estrutura que a universidade me oferecia", explica o maestro da universidade, Ciro Tabet.

Cantata da Paz

Com o tema "O Caminho é a Paz", aproximadamente 130

ria, até o nascimento e a glória. "Além desta obra com início, meio e fim, incluo outras músicas que falam de paz, amor, fraternidade, espírito reinante na época do Natal", acrescenta o maestro.

Desde o início do mês de agosto o grupo vem ensaiando para a apresentação. "Como são muitas obras, existe a necessidade de se iniciar logo após as férias escolares os ensaios para dar tempo de preparar tudo", relata Ciro. Segundo ele, se juntar os quatro

grupos envolvidos, por semana são 15 horas de ensaio. "Nós trabalhamos com os grupos separados, que denominamos naipe, e temos o ensaio geral, quando se juntam os naites (soprano, contralto, tenor e baixo) e onde trabalhamos a parte de interpretação das músicas do repertório", explica o maestro.

Organizado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, a Pró-Reitoria de Administração e a Divisão de Assuntos Culturais, o evento foi realizado no dia 3 de dezembro, às 19h, nas janelas do prédio Presidente Artur Ber-

nardes. Mais de 2.000 pessoas enfrentaram a chuva para ouvir o repertório. "Todo ano a expectativa é de público grande, muita luz, muita emoção e muita música, tudo isso para celebrar o nascimento do Filho de Deus, Jesus Cristo", relata o maestro.

Ciro conta que essa apresentação é uma oportunidade de muitos moradores de Viçosa visitarem o campus da universidade. "Muitas pessoas não frequentam a UFV por ser um espaço onde a educação, a pesquisa e a extensão fazem parte do tripé de sustentação da universidade. Quando surge um evento deste porte que abraça a todos indistintamente, o sentimento de união e fraternidade é natural. São famílias inteiras e muitas pessoas da comunidade viçosense e da região que esperam ansiosamente este dia e o sucesso de público que acompanha a Cantata de Natal é uma prova deste casamento UFV/Viçosa/região", ressalta.

Solidariedade

Além da apresentação cultural, a Cantata promove uma ação solidária todos os anos, onde brinquedos e alimentos são arrecadados para instituições carentes da cidade. "Sempre tentamos envolver o evento com alguma ação, mas informalmente pelo fato do evento acontecer ao ar livre. A doação espontânea acontece, mas não tem conseguido mobilizar o público em geral.



ta pelo padre austríaco Josph Mohr e a composição musical de Franz Gruber. Já o termo Cantata vem do italiano, cantare, e significa cantar. "Essa é uma peça musical com várias partes compostas para vozes e acom-

peças, entre cantores, músicos, técnicos de som e servidores gerais da UFV, se prepararam para a Cantata de Natal 2017. A apresentação retrata o nascimento do menino Jesus, desde a visita do anjo Gabriel a Ma-